

PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Ano vinte e dois - Número 5

A ESPIRAL DA
CONSCIÊNCIA

AUTORIDADE PRÓPRIA
OU AUTORIDADE
EXTERIOR?

O AMOR AO PRÓXIMO
E SEUS LIMITES

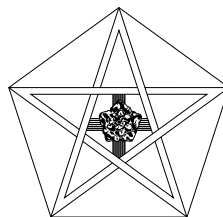
O PODER MÁGICO
DO DINHEIRO

FALAR DE DEUS É
COMO QUERER
AGARRAR O VENTO

JACOB BOEHME E
O CAMINHO DA
LIBERTAÇÃO INTERIOR

A ÁRVORE, SÍMBOLO
MILENAR

O SELO DOS
PROFETAS



REVISTA BIMESTRAL DA
ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Redação

C. Bode, H.v.d. Brul,
I.W. v. d. Brul, R. Bürmann, P. Huys,
H.P.Knevel, A. Stockman-Griever,
G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram,
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Administração e Vendas
Caixa Postal 39
Jarinu – SP – CEP 13240-000
Brasil
Tel: (011) 4016-4234
Fax: (011) 4016-3405
editorarosacruz@amhanet.com.br

Editado nos seguintes idiomas

Holandês, Português, Alemão,
Espanhol, Francês, Grego*, Húngaro*,
Inglês, Italiano*, Polonês*,
Russo*, Sueco*.

A revista é editada 6 vezes por ano
(*Editada 4 vezes por ano)

© Stichting RozeKruis Pers.

A reprodução somente é permitida com
autorização prévia por escrito.

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

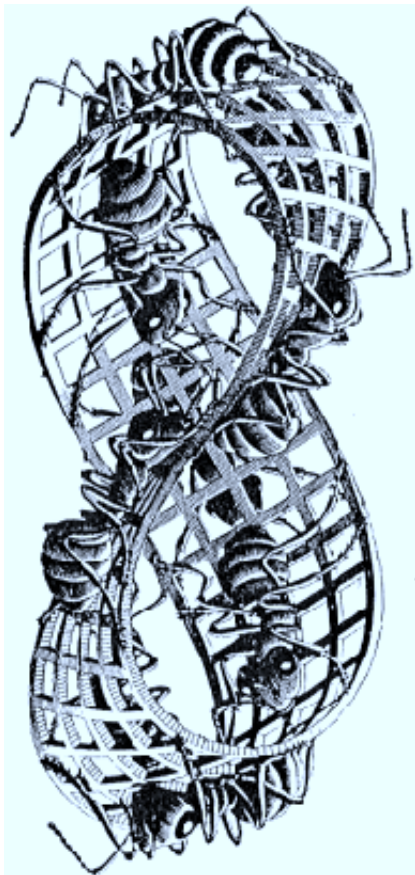
O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

PENTAGRAMA

A ESPIRAL DA CONSCIÊNCIA

«Portanto, existem dois campos de vida completamente diferentes: o campo de vida superior, que se manifesta no campo de vida inferior; e o campo de vida inferior, que não pode se manifestar no campo superior.»



ÍNDICE

- 3 «A ESPIRAL DA CONSCIÊNCIA»
- 8 O AMOR AO PRÓXIMO E SEUS LIMITES
- 11 FALAR DE DEUS É COMO QUERER AGARRAR O VENTO
- 15 A ÁRVORE, Símbolo MILENAR
- 21 AUTORIDADE PRÓPRIA OU AUTORIDADE EXTERIOR?
- 24 O PODER MÁGICO DO DINHEIRO
- 28 JACOB BOEHME E O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO INTERIOR
- 38 O SELO DOS PROFETAS

2000
ANO 22
NÚMERO 5



A ESPIRAL DA CONSCIÊNCIA

Do DNA ao caduceu de Mercúrio

O quadro intitulado: «A Mãe original» de Johfra representa os sete raios do Espírito derramando a Luz no regaço da Mãe original, símbolo da matéria primordial que gera e dá forma. Ela traz em si, proveniente da natureza divina, o germe da consciência original.

Foi dado à «Mãe original» o poder de manifestar os pensamentos do Criador. Isso explica por que os mundos se elevam de seu seio em poderosas espirais. São mundos que nasceram bem antes do começo da época atual. Nesses mundos, cresceu uma consciência, filha da Mãe original, à imagem do Pai. Esse homem celeste em crescimento possuía uma vontade livre e autônoma, que permitia que a consciência mergulhasse na matéria e a dominasse. Mas também era preciso que ela utilizasse este livre-arbítrio para se despojar, no tempo certo, das formas da natureza, a fim de poder elevar-se acima de seus limites, para que assim o filho de Deus conhecesse o reino de seu Pai.

Uma parte da humanidade empregou o livre-arbítrio para explorar o caminho que a fez desviar-se da Fonte da Vida. Esse desvio é conhecido com o nome de «queda», a qual deu nascimento a um mundo separado, onde a humanidade errante deve seguir seu próprio caminho até o fim. É o mundo de onde se origina o homem biológico, e é nos limites desse mundo que ele deve viver.

Portanto, existem dois campos de

vida completamente diferentes: o campo de vida superior, que se manifesta no campo de vida inferior; e o campo de vida inferior, que não pode se manifestar no campo superior. Com todo direito e com certa satisfação, denominamos o campo de vida inferior de «nosso mundo», sem estar plenamente conscientes daquilo que ele tem de pavoroso e doloroso. Não percebemos (ou talvez, percebamos muito pouco) que a fronteira entre os dois campos de vida é quase intransponível. É esta separação também está presente na consciência dos habitantes dos dois campos.

O TERCEIRO CAMPO DE VIDA INTERMEDIÁRIO

Um trabalho – empreendido em plena consciência a partir desses dois campos de vida colocados um diante do outro – pode fazer surgir e se desenvolver, no devido tempo, um terceiro campo, denominado Terceira Natureza. Esse campo intermediário, provisório, serve de ponte entre o campo de vida divino e o mundo fechado onde reside a humanidade. Essa Terceira Natureza permite que o princípio divino – que é prisioneiro da consciência humana extraviada – se liberte. Então, o processo de desenvolvimento original retoma um novo impulso e assim o homem pode sair de sua vida errante.

Em «nosso mundo», o DNA é a base de toda vida biológica. Ele se apresenta como uma hélice com dupla espiral. Os diversos aminoácidos das

O plano de criação do Pai realizado pela força da Mãe original (Johfra, 1959).

duas espirais, dispostos aos pares, constituem o plano fundamental da estrutura biológica de toda forma vivente. Podemos dizer que a «dupla hélice» é o verdadeiro portador da consciência celular de toda e qualquer forma de vida sobre a Terra. Cada célula do corpo biológico contém em si uma cópia do DNA que é única para cada corpo. Em princípio, as informações do DNA contidas em cada célula permitem reconstruir o corpo inteiro.

NAScer DO ESPÍRITO REQUER UMA LONGA PREPARAÇÃO

Podemos também representar a dupla espiral com o símbolo do planeta Mercúrio. Neste caso também se trata de um novo desenvolvimento, do

Os clones não oferecem a possibilidade de manter a consciência dialética “eternamente no tempo”. Foi provado que a idade genética da ovelha clonada Dolly era a soma da idade das células matrizes mais a sua própria idade.

As células clonadas provinham de uma ovelha de 6 anos de idade e Dolly tinha 3 anos, sendo que o DNA das células clonadas tinha 9 anos.

Geneticamente, ela possuía a mesma idade dos animais de onde procedera.

nascimento de uma nova consciência no «campo da ressurreição», que é a Terceira Natureza. Esse renascimento necessita de um longo caminhar através do mundo material cristalizado. É um caminhar que parte da «queda» da consciência original até seu restabelecimento e depois seu retorno ao campo de vida original. Uma parte desse caminho situa-se entre o nascimento e a morte da personalidade biológica. Essa parte pode ser percorrida mais ou menos conscientemente: nesse caso, chegará o momento no qual a personalidade se retirará para dar lugar à consciência original, depois que seu princípio já tenha sido vivificado por um impulso divino.

Desse ponto de vista, a consciência apresenta-se como um elemento fundamental da vida, um elemento essencial a respeito do qual ainda restam muitas imprecisões, e que provoca muita especulação. A consciência toma parte em todos os aspectos da personalidade terrestre, mas se mantém exterior ao Novo Homem, apesar de ter algumas presunções sobre o desenvolvimento deste último.

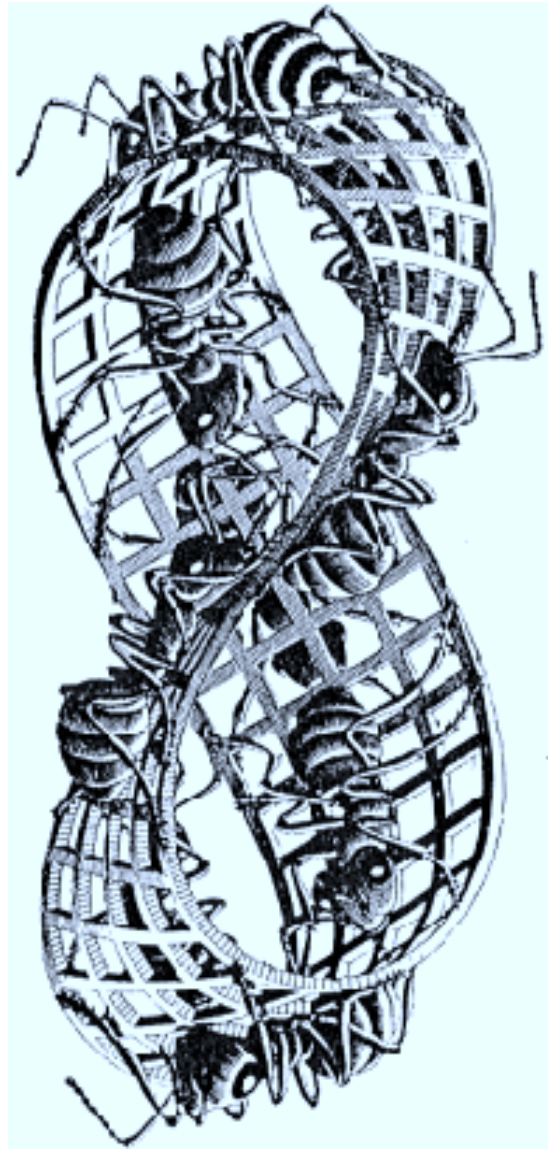
É preciso distinguir entre muitas formas de consciência. Eis alguns exemplos: a consciência diurna e a noturna; a consciência de vigília e a de sonho; a consciência inferior e a superior; a empírica, a celular, física, psíquica; a consciência individual, de grupo ou cósmica; a consciência dialética e a divina; a individualizada e a universal... De fato, todas estas formas se resumem em três consciências elementares: a consciência original, a pessoal e uma forma intermediária na qual as duas precedentes se manifestam.

○ CETRO DO PODER TERRESTRE

A consciência original está completamente aprisionada pela vida dialética e só pode manifestar-se nesta natureza se for acolhida por uma personalidade adaptada. Ela deve resignar-se em ver como todas as experiências da vida terrestre tentam orientar o microcosmo. A soma dessas experiências manifesta-se, por um lado, no que denominamos ser aural; e, por outro, no servidor desse ser aural: o eu, que dirige a personalidade. A vestimenta desse rei é sistematicamente tecida com os materiais terrestres do momento. Seu cetro representa exclusivamente o poder bitolado de sua vontade direcionada para a sua própria conservação. Sua palavra só encontra eco no interior da zona claramente delimitada de sua própria lei. A personalidade é a escrava fiel desse soberano inflexível. Ela vai caçar para ele e lhe fornecer alimento; ela se desempenha como artista e lhe oferece seus quadros; guerreia e lhe dá a vida para manter sua soberania.

O princípio original no homem deve esperar que o escravo descubra que dois mestres dependem de seus serviços – e que é preciso que ele faça uma escolha consciente entre os dois. Se o escravo escolher o eu verdadeiro, o princípio divino, será um servidor consciente do príncipe original e encontrará o lugar que lhe é devido. Assim, ele se elevará ao campo da ressurreição, a Terceira Natureza, e seu cetro será o novo caduceu, o novo foguete da coluna vertebral.

Para isso, a personalidade deve pre-



parar-se, em todos os seus aspectos. Ou seja: deve purificar-se e, assim, se transformar. A consciência empírica funciona pela repetição, num certo ritmo. O homem aprende, seja porque quase sempre cai nas mesmas falhas, ou porque sempre está revivendo as mesmas experiências. Isto representa um processo repetitivo quase interminável. Tais processos cíclicos acontecem na natureza. A água dos oceanos se evapora, é levada pelo ar, cai novamente em forma de chuva e corre novamente para os oceanos. Quando a

Escultura em
madeira de
M. C. Escher, 1963.



água desce tumultuosamente das montanhas, mistura-se com o ar e carrega os minerais que deposita na sua embocadura. O ciclo natural da terra, da água e do ar permite a vida biológica do nosso planeta. O sol fornece a energia que impulsiona esse processo e o mantém. O sangue não circula nas artérias unicamente para as necessidades de nutrição: ele expele também os resíduos. Assim, cada corpo biológico segue seu pequeno ciclo no interior do grande ciclo da vida.

Da mesma forma, um microcosmo tem um ciclo no campo de vida dialético e precisa de uma nova personalidade a cada vez para poder manifestar-se. Então, essa personalidade age segundo as experiências acumuladas no subconsciente. É assim que os sentidos vão alimentando sua consciência e determinando suas ações. Os sinais que não penetram na consciência vão sendo eliminados. Só ouvimos o que queremos ouvir, e só vemos o que queremos ver. Esse «filtro» é a própria consciência. A interpretação convencional das experiências vividas pode reforçar os pontos de vista já ancorados na consciência. Assim, os atos são determinados a cada vez, e as novas experiências que deles decorrem são interpretadas a cada vez por uma consciência sempre mais limitada. O circuito se fecha. A consciência se fecha novamente sobre si mesma e não pode sair, porque já não há nenhum impulso novo vindo do interior.

Portanto, são movimentos cíclicos que constituem a consciência empírica. Visto que a natureza nunca está imóvel, só pode haver progressão ou retrocesso. Nos dois casos, trata-se de

um movimento em espiral, quer seja uma evolução ou uma involução.

A dupla espiral do caduceu é o símbolo desse movimento da consciência de experiência. Mas, assim que o novo rei, o novo eu, retoma seu lugar, o caminho em espiral das experiências termina, e surge o reto caminho, o caminho da elevação e do retorno consciente em direção ao Reino divino original.

Cada pessoa tem seu próprio mundo dotado de uma consciência fechada. *A Taça do Titã* (Th. Cole, 1833, Metropolitan Museum of Art, New York).

O AMOR AO PRÓXIMO E SEUS LIMITES

Durante dois mil anos, o cristianismo, a ciência e a arte inculcaram no Ocidente idéias altruístas. Mas, se as organizações políticas e religiosas abriram os olhos para os sofrimentos de um grande número de pessoas, nem sempre fez isso desinteressadamente e também nem sempre se tratava do amor ao próximo do qual fala o Novo Testamento.

No mundo moderno, o amor ao próximo e o amor a si mesmo são termos cada vez mais antagônicos. Se a prosperidade está em alta, o altruísmo degenera em caridade programada. Isto é um problema para as pessoas que antigamente pensavam e agiam de forma filantrópica, pois um altruísmo institucionalizado como este não tem nenhum valor para elas, já que as pessoas não oferecem aquilo de que os outros verdadeiramente necessitam, mas sim, aquilo de que elas mesmas não têm mais necessidade. Isto não representa nenhum esforço para elas, mas lhes dá a impressão de estarem realizando uma ação social. Felizmente, essa forma de altruísmo está sendo cada vez mais questionada e esta caridade interessada e artificial não é vista com bons olhos. Portanto, o amor ao próximo deveria ser uma coisa completamente diferente.

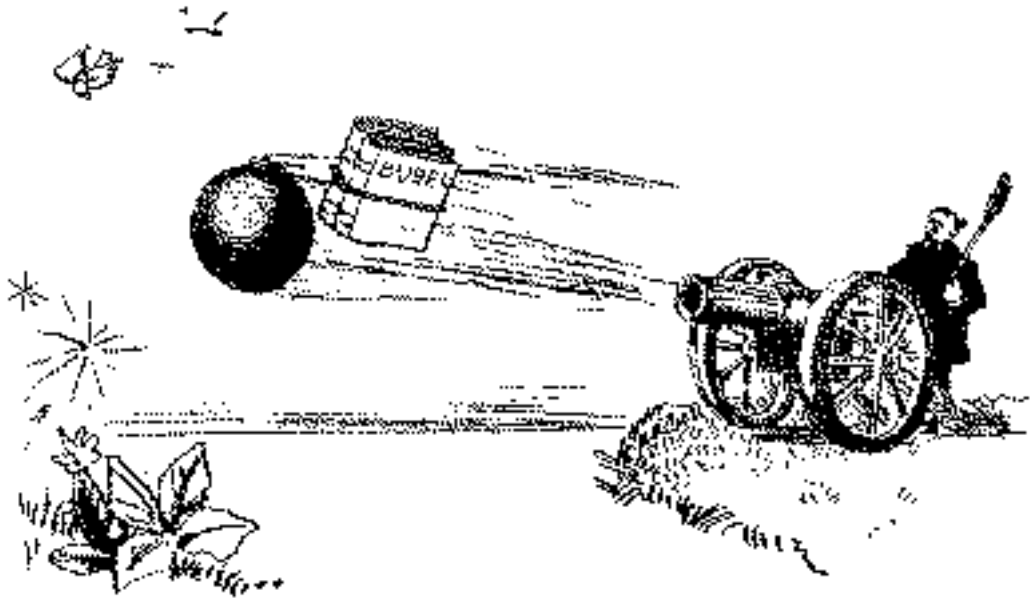
Quando algumas pessoas são chamadas para auxiliar o próximo, em seu próprio país ou no estrangeiro, elas são levadas a refletir. O resultado nem sempre é muito convincente. Basta pensar nesta observação feita por um

político inglês: «*as pessoas idosas poderiam morar perto dos centros nucleares, pois elas não têm mais necessidade de procriar*». Observação que testemunha muito mais de impotência e de falta de amor do que de caridade cristã!

Na Bíblia é dito: «*Ama ao próximo como a ti mesmo*». Aquele que aprende a se conhecer tal como o seu Criador o concebeu, reconhecerá a mesma realidade no seu próximo. Por isso, este mandamento de Jesus se refere a todos os homens e não somente àquelles que se denominam cristãos. Essa palavra revolucionária também pode provocar reações bem diferentes. Por exemplo, para Hermann Hesse: «Sem amor a si mesmo, a caridade é impossível». Para Oscar Wilde: «Perdoem sempre os seus inimigos, pois não existe nada que os enerve mais». Para Mahatma Ghandi: «Deus deveria aparecer como pão para o homem esfoimado»; enquanto que para Helmut Walters: «O amor ao próximo tem limites, senão ele se torna uma tortura para o próximo.»

CONTRA O ALTRUÍSMO

O altruísmo virou terreno de pesquisa científica. Em março de 1998 a *Weiner Zeitung* publicou um artigo irônico de Irene Prugger sobre os resultados do altruísmo tal como ele é praticado. O título era: *Contra o altruísmo*. Ela explica que ajudar ao próximo pode tornar-se uma verdadeira toxicomania, e que é preciso instituir clínicas para curar os pacientes atingidos por essa síndrome, a fim de que eles voltem a ser saudáveis e goístas!



Por mais que em geral as mentes estejam se endurecendo cada vez mais e que as pessoas estejam se preocupando principalmente com o seu próprio bem estar material - em parte forçado pela evolução da sociedade - muitas estão se esforçando para serem altruístas. Entretanto, podemos nos perguntar se o resultado vale a pena, pois o sofrimento está atingindo um nível monstruoso, no século XX. Apesar de todas as mais arriscadas iniciativas altruístas e generosas, o mundo não está mais feliz. E por quê?

Pensando bem, não é tão difícil encontrar as causas. Mas geralmente a razão é muito mais profunda. O ser humano, por natureza, vive em perpétua tensão entre seus impulsos interiores e seus atos cotidianos. Quando os impulsos vêm de seu instinto de sobrevivência, ele age à custa da vida alheia. Mas, quando eles provêm de um princípio elevado, de um ideal de eternidade, da lembrança de uma vida na qual o amor ao próximo falava por si mesmo, então é uma consciência superior que o dirige.

CARICATURA DA REALIDADE

Esta consciência superior não pode se manifestar sem mais nem menos neste mundo de luta e ódio. É por isso que o homem é impulsionado interiormente, e também exteriormente, a procurar a fonte eterna do verdadeiro amor ao próximo. O princípio da eternidade, oculto em cada ser humano, jamais cessa de o interpelar para que ele entenda e compreenda suas incitações. Às vezes, isso pode provocar reações estranhas e exaltadas nas pessoas desprovidas de equilíbrio interior, e que então forjam para si uma caricatura da verdade muito profundamente inscrita dentro delas.

Enquanto fenômeno temporal, o homem terrestre mora num microcosmo: é um filho do tempo. Neste início do terceiro milênio, o abismo que separa o homem e seu microcosmo tornou-se largo e profundo. Muitos se mantêm desesperadamente na beira desse abismo. Grandes e pequenas revoluções têm, de um lado, transmitido

Propagação da
Palavra de vida
cristã (Albert P.
Hahn, 1877-1918).

Cristo escarneo-
cido (água-forte
de Erich Eerler,
1931.

novas idéias e, de outro, provocado muito desespero. A Revolução Francesa, a da Rússia e a de Mao Tse Tung aboliram antigas tradições e provocaram algumas aberturas, rapidamente fechadas.

A HUMANIDADE ACUSA SEU CRIADOR

Será preciso que se passem muitas gerações antes que possamos emprender um caminho radicalmente novo. E durante todo esse tempo nós vagamos e lambemos nossas feridas; ou então aproveitamos a porta entreaberta para procurar novas possibilidades – o que não nos permite passar da vida inferior para a superior. Mas um ser à deriva pode ser tocado no coração pela corrente de amor da Gnosis,

que o impulsiona a «conhecer-se» e a «conhecer seu próximo como a si mesmo». Alguns reagem a ela positivamente, enquanto outros não querem abandonar as tradições e tentam, por todos os meios, recriar o paraíso na Terra. Esses dois tipos de reação são próprios das pessoas que desejam retornar ao reino divino original. A força cósmica espiritual, crescente em nossa época - que se esforça para mostrar a essas pessoas qual é a sua verdadeira missão e dar a elas a possibilidade de realizá-la de maneira correta - atira-as em uma profunda inquietude e uma grande agitação. Sem isso, a humanidade seguiria tranquilamente o caminho para o qual sua natureza terrestre a inclina, incriminando e acusando seu Criador, que deseja fazer com que suas criaturas saiam do mau caminho.

Que possamos compreender este eterno chamado do coração e compreender que somos todos filhos pródigos que devem retornar ao Pai! Então, já não nos oporemos ao nosso próximo e veremos que ele está no mesmo caminho que nós. Assim sendo, se desenvolverá um altruísmo sem fronteiras, que não precisa de organização, mas que brota do coração de todos aqueles que reconhecem que são filhos pródigos; e, sem mais nenhuma zombaria e injúria para com seu Criador, eles seguem com reconhecimento o caminho inscrito dentro deles há milênios: o caminho que os conduz à divina Realidade.



FALAR DE DEUS É COMO QUERER AGARRAR O VENTO

O baile está no auge. As mulheres, com roupas de festa, rodopiam nos braços de homens bonitos e distintos. Para maior suspense, os dançarinos usam máscaras para que ninguém saiba quem é o casal que dança tão maravilhosamente bem. Muitos acham que sabem, mas, será verdade?

O relógio bate meia-noite. A música pára. A dança termina. As pessoas tiram as máscaras e logo todos se reconhecem. É assim que dançamos no palco da vida: dissimulados atrás de nossas máscaras, até o momento em que ressoa a «*hora est*», que revelará quem realmente somos. O que é verdade em nós, e o que é só aparência? Quem é este ser que se esconde atrás de um rosto? Será que podemos conhecer o verdadeiro ser de alguém? Como? Qual é a força que nos permite distinguir a aparência da realidade?

A pessoa que deseja seguir o caminho do desenvolvimento interior procura perceber o que se encontra por detrás daquilo que ela percebe. Ela chegou aos limites do mundo exterior e se dá conta da necessidade de alcançar o autoconhecimento. Ela volta seu olhar para dentro de si, onde deve, apesar de tudo, conseguir captar a natureza de seu verdadeiro ser!

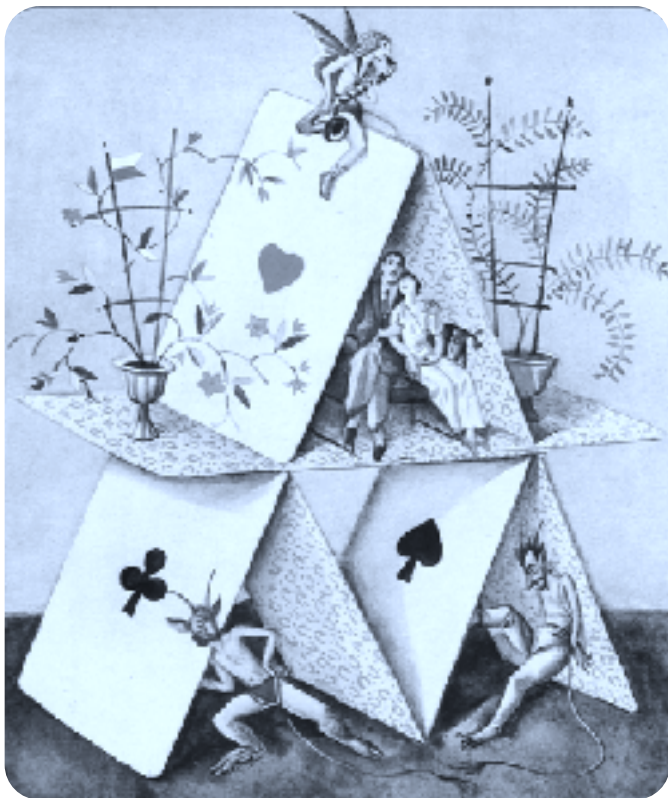
Fazendo isso, ela chega a diversas descobertas: «*Será que sou assim mesmo, de verdade? Não! Sou completamente diferente!*» Esta descoberta a desmascara. Mas, depois de algum tempo, o modo como ela se viu acabou se revelando uma nova máscara! Ela se identificou com algo que ainda

não é o seu ser mais profundo. Assim, o pesquisador decidido vai arrancando máscara sobre máscara e vai descendo cada vez mais profundamente até a fonte daquilo que o motiva a agir. O desespero o espreita: será que existe mesmo um ser autêntico, verdadeiro? Ou ele não passa de uma bolha de sabão, uma ilusão em constante mudança, dotada de uma consciência experimental?

Parece que a mente não consegue responder a essa pergunta. Cada resposta obtida leva a uma nova pergunta. E só é possível encontrar resposta à pergunta de nossa natureza fundamental quando compreendemos que o desejo de autoconhecimento é uma reação a uma força exterior que está tentando nos tocar. Mas, o que estamos procurando? O que nos corrói interiormente? De onde vem isso? O que é esta inquietude que nos leva para a frente?

A DESCOBERTA A SER FEITA

O homem é tocado pelo desconhecido, por aquilo que ele busca e que escapa a sua percepção. É como se o pesquisador não desencadeasse o movimento, mas sim um elemento diretor o impulsionasse a fazer isto ou aquilo sem que ele soubesse a razão. Esse aspecto da busca, que não pode ser apreendido nem conhecido, é fundamental. É da maior importância que o buscador compreenda que há algo dentro dele que não participa de tudo o que se desenrola em sua consciência, mas que não deixa de ser uma realidade que ele não pode controlar, nem tocar, nem macular: um mundo de sere-



O “bem” e o “mal” sustentam o castelo de cartas das ilusões (aquarela de A. Hagel, 1931).

nidade e silêncio que espera ser descoberto e reconhecido, que aguarda que o pesquisador lhe abra um espaço em sua vida. Este mundo tem suas leis e age sobre a humanidade: é a força dinâmica que manifesta a realidade do Amor divino e tudo engloba.

Tudo está em movimento no período de transição em que estamos vivendo. Constatamos esta realidade todos os dias. As forças de renovação vão provocando imensas mudanças no mundo de hoje. Quando as examinamos podemos compreender sua finalidade. Uma dessas mudanças provoca um desmascaramento geral. Apesar de muitas pessoas fazerem enormes esforços para mantê-las, pois querem a todo custo ser aquilo que acreditam ser, não conseguem salvar as aparências. Alguma coisa age, denunciando as falhas, fazendo a distinção entre realidade e aparência, repudiando a injustiça e desembaraçando a verdade de todo preconceito.

A tendência mundial é mudança e há grande parte de formas «novas» que já foram concebidas. Vamos percebendo cada vez mais a caduquice de antigas estruturas, rígidas demais, e dos muros que precisam ser derrubados no terreno da ética, da política e da economia. Quando vemos tudo se esclerosar à nossa volta, é preciso demolir para encontrar uma saída. É inevitável que a consequência seja o caos e uma grande confusão, enquanto aqueles que não vêm as novas possibilidades se agarram àquilo que possuem e conhecem. Mas não são os pensamentos das pessoas desesperadas ou dinâmicas que podem breçar as grandes transformações cósmicas. Elas avançam e procuram um bom terreno para sua ação: um coração aberto e um espírito receptivo. Esta é a razão pela qual é preciso que cada um, em nossa época, examine suas motivações profundas, que se pergunte aonde vai e por quê e se está no bom caminho – pois suas respostas determinarão a forma e o conteúdo de sua vida.

OS DESEJOS REPRIMIDOS

Mas como escolher uma direção sem conhecer a meta a ser alcançada, se somente ouvimos falar dela? Será que a resposta correta se encontra por detrás das aparências? A pessoa é um eu que se apresenta exteriormente de forma a sobreviver como ser social. Mas, por detrás desse eu, esconde-se o verdadeiro ser – aquele que é evocado quando dizemos: «*Desejo tornar-me realmente eu mesmo*». Ora, é possível

nos tornarmos conscientes deste verdadeiro ser. Certos métodos nos permitem descobrir desejos recalçados e entrever aspectos do subconsciente a fim de experimentarmos o verdadeiro ser. Uma vida que não é construída em torno de um centro não passa de uma máscara animada por uma consciência em farrapos, como um balão que estourou. É evidente que é necessário possuir um eu antes de saber e de poder abandoná-lo! Esse paradoxo fez muitos tomarem a direção errada. Quem nunca tentou mudar seu eu com o auxílio do eu? Ou apagá-lo, sacrificá-lo por um ideal elevado? O eu é incapaz de fazer isso, porque não pode admitir os motivos de um comportamento verdadeiramente desinteressado. Ele não pode compreender algumas de suas profundas motivações! No máximo, é possível que ele encontre uma espécie de equilíbrio depois de ter sido um pouco purificado em decorrência de experiências desestabilizantes. A personalidade deve amadurecer pela experiência para descobrir seus limites. O que causa desequilíbrio deve aos poucos ir cendo lugar. Quando o eu acaba se dando conta de sua impotência, então a pessoa procura sua vocação real e profunda, que é o seu retorno à Pátria Original, onde encontrará, enfim, uma paz interior inalterável.

Será que a psicologia atual está se desviando do caminho apesar de falar da «*psique*», da alma? Ela pode socorrer as pessoas maltratadas pela vida reforçando seu eu, ensinando-lhes a se protegerem melhor, abrindo-lhes os domínios ainda desconhecidos de sua consciência.

Ela se direciona para nós enquanto pessoas voltadas para o mundo dos fenômenos e não para as nossas indagações que dizem respeito ao nosso ser mais profundo. A psicologia não transpõe a fronteira do mundo sensível – e é aí que está a diferença do ensinamento gnóstico. O que é único na filosofia gnóstica é a idéia de que o homem biológico está ligado a um princípio divino situado em seu coração.

AGARRAR O VENTO

Ao lado de tudo o que pode ser conhecido, que é objeto das ciências, o ser humano contém em si um princípio imortal pertencente ao incognoscível. Este princípio aguarda o momento em que o ser humano entenderá algo de seu chamado – o momento em que o ser humano acabará compreendendo que todos os seus desejos de infinito provêm desse princípio imortal, que é a chave da realização final de seu verdadeiro destino. Até lá, as profundezas de sua alma serão vítimas de um desejo insaciável.

Esta tomada de consciência marca o início de uma mudança radical que se realiza quando admitimos que existe dentro de nós mesmos algo que pertence a uma realidade completamente diferente. Então, a semente cai em solo fértil. Se ela receber em si alimento e luz suficientes, crescerá – e a alma renascerá nessa realidade.

O que sabemos da renovação da alma, que tem de acabar se re-ligando ao Espírito divino para tornar-se Alma-Espírito? Muito pouco. Mas também

muito! Muito pouco, em relação às referências conhecidas. Muito, quando essas antigas referências são substituídas por valores da Alma-Espírito. Mas, falar de Deus é como querer agarrar o vento!

O homem não pode apreender o Mundo divino pelos seus sentidos: é por isso que os sábios e os gnósticos falam por metáforas. Eles traduzem a realidade que engloba tudo por meio de formas pouco compreensíveis para a humanidade terrestre. A ressonância de certas palavras pode ser evocativa do Divino, portadora da Força divina e suscetível de tocar as pessoas plenas de aspiração.

UMA VIDA QUE TRANSCENDE A DA PERSONALIDADE

A melhor maneira de nos tornarmos receptivos a essa força é fazermos silêncio e nos entregarmos à sua influência. No silêncio, o «totalmente outro» tem a possibilidade de crescer e o coração de se saciar na Fonte original de todas as coisas.

«Não existe evolução do verdadeiro homem sem uma revolução do velho homem. O velho homem deve desaparecer, o homem verdadeiro renascer. Ele é prisioneiro do botão de rosa e só pode surgir no fogo intenso do sol gnóstico. A antiga natureza deve ir cendo lugar pela sua própria neutralização, para que os raios do novo sol possam atingir o botão de rosa que crescerá, se vós diminuídes.»

O ser que quer seguir tal caminho certamente usará ainda por muito

tempo a máscara da sua personalidade. Mas já ressoa nele a outra realidade, a realidade da vida que transcende a personalidade, realidade que lhe é doravante possível conhecer.

* Jan van Rijckenborgh, *Os Mistérios Gnósticos da Pistis Sophia*, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1998.

A ÁRVORE, SÍMBOLO MILENAR

Em todas as religiões e culturas do passado, a árvore é um símbolo sagrado. Com suas raízes fortemente enterradas no solo, outrora Terra Santa, ela eleva seus ramos em direção ao céu, como para encerrar em seus braços a fonte de onde tudo provém.

Quando os humanos se desviaram do Plano de Deus, romperam sua ligação com o campo de vida divino. Numerosos mitos, nos quais a árvore tem um grande papel, evocam essa ruptura. Mas a lembrança da unidade rompida foi-se obscurecendo com o decorrer do tempo, até se tornar somente uma vaga idéia conservada nas lendas antigas.

As folhas que caem no outono fazem nascer a idéia de um adeus melancólico. A atmosfera alegre e luminosa do verão já não existe mais. Cumprida sua tarefa, a árvore se desembaraça de suas folhas, que voam e caem negligentemente. Seu objetivo não são as folhas, mas os frutos, cuja formação determina inteiramente seu processo de crescimento. As folhas participam, especialmente, da importante função clorofílica. Ou seja: elas fixam o carbono do gás carbônico da atmosfera e expõem o oxigênio. Assim, elas asseguram o crescimento da árvore. O carbono é um dos constituintes essenciais da matéria viva.

Quando os frutos ficam maduros, a árvore interrompe a chegada da seiva aos caules dos frutos e das folhas, que caem – e utiliza sua energia para a for-

mação dos brotos, tendo em vista a próxima estação.

A SEMENTE CONTÉM TODO O PLANO DE SUA MANIFESTAÇÃO

A vida e todo o universo, enquanto plano de manifestação visível, germinaram de uma semente. O menor ser vivente se forma a partir de uma semente que contém em si todo o plano de sua futura manifestação; e o conjunto das formas de manifestação constitui esse todo único que denominamos «vida». Como o cosmo é composto de miríades de formas viventes, cada uma representando uma unidade, assim também tanto o homem quanto a árvore são compostos da reunião de elementos portadores do plano de manifestação do conjunto.

Separado de seu Criador, o ser humano também carrega dentro de si, sob a forma de uma semente, o plano de construção previsto por este Criador. Devido à sua separação do mundo divino, essa semente está encerrada no sistema vital do homem material que, cheio de orgulho, retirou-se da unidade divina e, escolhendo a separação, escolheu também a morte.

Numa parábola, Jesus fala de uma árvore, símbolo de um campo de vida outrora divino a que o homem havia recebido a tarefa de servir, proteger e guiar. «O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que todas as hortaliças, e se faz árvore,



de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos». (Mateus 13 - 31 - 32) Assim ele mostra como restabelecer o estado original. É preciso um solo nutritivo, para que a semente tenha a possibilidade de germinar, crescer e prosperar. Aqui temos três aspectos a considerar:

- a compreensão da tarefa a ser efetuada;
- um desejo de cura profundo e total;
- um comportamento que permita a germinação, o crescimento e o desabrochar.

AS RAÍZES DA ALMA ENCONTRAM POUCO ALIMENTO

As raízes da árvore estão ocultas na terra, assim como as raízes do homem estão em seu subconsciente. Frequentemente, o homem é arrastado pela agitação febril do mundo moderno. Geralmente lhe falta calma interior e tempo para se preocupar com sua própria vida – e as raízes da alma mal podem encontrar alimento. Entretanto, o ser humano é continuamente impulsionado a buscar, e suas raízes, por mais tênues que sejam, vão mergulhando cada vez mais profundamente nos domínios do pensamento, do sentimento e do desejo, para descobrir o segredo da vida, não lhe deixando nenhum descanso até a morte. Tendências e interesses determinam a orientação das raízes e a maneira pela qual o coração do homem se enraíza no reino terrestre. Perturbações astrais e mentais, tanto interiores como exteriores, agitam profundamente os seres, física e psiquicamente. Eles estão buscando seu caminho e precisam escolher sem cessar entre o que é vivo no mais íntimo de seu ser e as exigências e seduções da sociedade de consumo, que só considera o benefício material. Eles são como aquelas árvores que não conseguem resistir à tempe-

tade, porque suas raízes estão fracas demais ou apodrecidas.

CONDICIONAMENTO E DESORIENTAÇÃO DO MUNDO DE APARÊNCIA

Esse estado é conseqüência de uma impostura. Enquanto não percebemos que vivemos num mundo de aparências, cada vez mais desprovido de alma, condicionado e dirigido, onde a avidez e o fanatismo alimentam o pretense «progresso», permanecemos prisioneiros de uma felicidade ilusória. Não há mais um solo estável, onde as raízes das almas possam encontrar algum alimento!

Todo desenvolvimento requer um certo tempo, e ninguém pode esquivar-se das experiências necessárias para que esse tempo se cumpra. Mas é possível deslocar o centro de gravidade de sua vida, fazendo-o passar da escuridão do reino da morte para a Luz original do Logos. «O erro não tem raízes», é dito no Evangelho da Verdade.

Todas as espécies de invenções modernas podem aliviar o trabalho, fazer ganhar tempo e energia, mas também acarretam agitação e stress. Quando a alma é chamada para se libertar, o conflito entre o eu que se impõe e a alma dolorosamente prisioneira agrava-se ainda mais. No fim de um período de evolução – o que acontece sempre quando a humanidade entra no campo da radiação de um novo signo do zodíaco – cada um deve fazer o seu balanço. Cada um deve mostrar se aceita renunciar, ou não, às suas experiências e aquisições pessoais, em favor de uma evolução totalmente diferente, dando prioridade à alma imortal. Agora que a era de Aquário começa a exercer sua influência, as antigas estruturas desabam para oferecer novas possibilidades, que ninguém saberá ainda prever, a fim de que os humanos reconheçam

Foto Pentagrama.

enfim sua verdadeira missão na criação e se coloquem no caminho que conduz ao mundo original: a vida divina. No momento, fortes raízes prendem a humanidade ao mundo dos conflitos e à alternância dos contrários.

A BELEZA DA JUVENTUDE

Magnífica é a árvore quando se adorna com as cores de suas efêmeras flores. Não seria maravilhoso conservar esse esplendor? A primavera, a juventude, a beleza e felicidade! Entretanto, o prolongamento artificial do que é belo só faz avivar a idéia de sua fugacidade. O que não é real suscita um certo recuo, uma certa decepção. Se quisermos nos manter na ilusão da juventude, nos fecharemos ao processo de maturação interior que deve prosseguir. Assim são ordenadas a natureza e a vida humana. Amadurecer é tornar-se responsável em relação a si mesmo, a seus semelhantes e à própria origem da vida: Deus.

As seguintes perguntas: «Quem sou? De onde vim? Para onde vou?» constituem outros tantos aspectos do processo de maturação. Na idade adulta, elas traduzem a busca de solução ao problema da vida e da morte. Se elas não são colocadas, então a vida fica temporariamente bloqueada na dualidade discordante, sem verdadeiro desejo de solução. Mas, um dia, será preciso encontrá-la! Até lá, o ser humano vai continuar a girar em círculo no carrossel cotidiano acionado pelos eões, incansavelmente.

Em um estágio posterior, se na luz da Gnosis a semente original germinar no coração de um ser e se este a boa escolha, as primeiras flores da nova compreensão e da nova vida desabrocharão. Fora de qualquer interesse pessoal, de egocentrismo e de auto-suficiência, elas se oferecem àqueles que são capazes de colhê-las. Então, acontece uma transformação interior

que inaugura um novo ciclo vital. O brilho da jovem alma renascida testemunha o esplendor da harmonia e do amor imutáveis e intemporais, que liberam a Sabedoria divina onipresente.

PASSAGEM PARA UM OUTRO CICLO VITAL

A árvore mostra que as diversas etapas do desenvolvimento são necessárias. É impossível subtrair-se a elas, e cada uma deve completar-se em harmonia antes que se inicie a seguinte. É assim que se alcança a grande meta. O ciclo vital da árvore faz compreender a diferença entre «mudança» e «morte». A morte resulta do fato de nos agarrarmos a um certo estado. Esta fixação paralisa a alma e termina em esclerose, endurecimento, cristalização e morte.

É como a geada noturna, o frio intenso que desce à noite e destrói as flores e sua promessa. Aquele que segue conscientemente o caminho da transformação interior percebe por experiência própria que toda prova que atravessa significa crescimento e maturação. No antigo texto do *Bhagavad Gita* encontra-se uma advertência sempre atual: «Não cobices jamais os frutos dos teus atos. Aquele que não está agarrado aos frutos de seus atos entrega-se a Deus e não é maculado por atos interesseiros.»

RUPTURA DO CÍRCULO VICIOSO

A antiga vontade sempre se joga para a frente. Por meio da técnica, ela quer obter, por força, a perfeição dos resultados, associar-se a esta perfeição e dela colher a glória. Assim, ela se assemelha ao verme que corrói o fruto, fazendo-o apodrecer porque ele, o verme, quer continuar vivo.

Como romper o círculo vicioso do

esgotamento e do declínio? O ser humano possui essa capacidade? Sim, certamente. Mas não é seguindo as sugestões de seu intelecto e reajustando um pouco a direção da sua vontade que isto acontece. É preciso que ele aprenda a seguir o chamado de seu coração, pois esta voz o tornará receptivo à Luz, fundamento de toda vida. Se ele puder se voltar para ela, o desejo de unificação despertará e se intensificará a tal ponto, que fará com que a unidade perdida se restabeleça. Então, a alma receberá o poder de reconhecer o perigo de seu aprisionamento, a coragem de resistir interiormente ao que a separa do mundo divino e de impedir «que o verme corra o fruto». Aquele que fizer todos os esforços nessa direção receberá não somente a graça de uma renovação interior, mas também a de transmiti-la a outrem.

O tronco que carrega a coroa da árvore é uma coluna no templo da natureza. Ele é o símbolo da vida que se eleva em busca da Luz. Lá, onde a Luz desce e se religa à corrente que sobe pelo tronco, dá-se uma reação química, síntese das duas forças que se encontram, processo que também acontece no ser humano. O encontro da radiação descendente da Luz sétupla com a ascendente corrente de busca faz nascer um poderoso campo de força onde a alma pode se alimentar dos éteres puros da natureza divina.

OS CICLOS COMPLETADOS

No tempo da pré-história, havia sempre uma árvore sagrada num lugar também sagrado. Essas árvores eram, e ainda o são, veneradas e protegidas por pessoas conscientes das grandes forças que elas possuem. Nos mitos e sagas nórdicos, a grande árvore da vida, Yggdrasil, pivô do universo, desempenha um papel importante. O Antigo Testamento fala da «árvore da vida» plantada no meio do Paraíso e





das hipóteses, elas se colocam numa espiral superior. Do mesmo modo, os pensamentos, sentimentos e vontades giram ao redor de um ponto central, se completam e se revezam.

A origem do centro – a semente ao redor da qual os ciclos se desenrolam – determina a espécie de energia que se desprende para realizar o plano inerente à estrutura. Quando este provém exclusivamente da natureza mortal, a estrutura é mortal. Mas, se a semente provém da natureza divina, é possível uma construção de valor eterno. Então, o Homem imortal tem o poder de edificar-se como uma coluna no Templo de Deus.

foi sob a árvore *bodhi* que o príncipe Sidharta Gautama recebeu a iluminação, tornando-se o Buda.

O corte transversal de um tronco de árvore evoca as figuras em forma de círculos das quais os budistas se servem para seus exercícios de meditação. No meio encontra-se o coração; e, ao redor, encontram-se os círculos que indicam os anos passados. «Mandalas» como essas são talhadas na madeira, cinzeladas em metal, esculpidas na pedra, entrançadas, tecidas, feitas de areia colorida, pintadas em porcelana e executadas sobre vitrais de igrejas ou mesquitas. A palavra *mandala* vem do termo sânscrito e significa roda, círculo, rotação, ciclo, círculo da eternidade, vida. Todos esses conceitos sugerem a idéia de movimento. Mas, nenhum movimento é concebível sem um ponto fixo em relação ao qual o movimento ocorre, quer esse ponto seja muito grande ou minúsculo. Esse pode ser o eixo invisível em torno do qual circulam as estrelas e também os signos do zodíaco.

Como as estações nascem e morrem umas após as outras, assim também toda forma vital segue um certo ciclo. Todas têm um fim e retornam ao seu ponto de partida. Senão, na melhor

Assurbanipal II, da Assíria, e a árvore da Vida, coroados pelo deus Assur (Nimrod, Iraque, 883-859 a .C., British Museum, Londres).

AUTORIDADE PRÓPRIA OU AUTORIDADE EXTERIOR?

Em geral, uma autoridade é alguém que domina uma certa matéria e que, com isso, exerce um certo poder. Graças à sua experiência e conhecimentos, esta pessoa pode auxiliar seu próximo com bons conselhos. É uma autoridade exterior. Essa palavra também lembra a idéia de autoridade arbitrária, despotismo ou abuso de poder.

O processo de purificação e renovação da alma pode dar nascimento a uma autoridade natural e íntegra que não é fruto do intelecto, mas de uma prática de vida gnóstica transfigurística. As pessoas que adquiriram tal autoridade precedem as outras no caminho da renovação interior. Elas não procuraram dominar seus desejos no caminho ocultista, mas foram apagando cada um deles pouco a pouco, parando de alimentá-los e de cultivá-los. Elas adquiriram o conhecimento de si mesmas, do mundo terrestre e da vida espiritual. Elas vivem das forças renovadoras que afluem de um campo de vida absolutamente novo e agem com os novos poderes que acompanham essas forças.

Nada fala tanto ao pesquisador sobre a verdade como o exemplo vivo. Assim como os pais são exemplos para a criança que está crescendo, a alma que se tornou imortal é um exemplo para quem está buscando. Nos dois casos, entretanto, é preciso haver um espaço para o entendimento. A criança recalcitrante seguirá seu próprio ca-

minho. O pesquisador presunçoso não reconhecerá o verdadeiro homem-alma. Ao contrário, ele o condenará e, se possível, lhe fará obstáculo e o combaterá, ao passo que, aquele cuja alma transpôs as últimas barreiras da matéria é fonte inviolável de iluminação para seus semelhantes, mesmo se estes não o compreendem.

De fato, admirar ou zombar do homem-alma são duas reações negativas, já que a tarefa de cada um é desenvolver e adquirir por si mesmo a alma imortal. Aquele que possui essa nobreza interior deve tirar as conseqüências disso e começar a agir de forma renovadora. Deve descobrir como alcançar a fonte de força universal que possui em si mesmo e como dela fazer jorrar a água sem o auxílio de uma autoridade exterior ou instituição para lhe mostrar o caminho.

A FASE DA IMITAÇÃO

Se o pesquisador não faz mais do que olhar e admirar outra pessoa, arremeda seus gestos, palavras, risos e sorrisos e não ultrapassa a fase da imitação, não vive suas próprias experiências. Mas, se ele se voltar para seu interior, poderá aprender a conhecer e a aceitar seu próprio estado de ser. Da contemplação exterior, chega à contemplação interior. Ele era um pesquisador, ele se torna um peregrino no caminho.

Em cada um está escondida uma autoridade que lhe é própria. É a alma original que lhe pede para ser ouvida, pois ela é capaz de guiá-lo através de

todas as dificuldades da vida. No início, essa voz é fraca, suave, e facilmente dominada pelo tumulto interior e exterior da vida cotidiana. É a razão pela qual os alunos das autênticas escolas dos mistérios, no início de seu discipulado, recebem o auxílio de um campo de força, a fim de que a nova alma desperte e se desenvolva.

Alguém que se encoleriza facilmente por natureza logo perceberá que está ferindo o seu próximo e progressivamente verá porque ele reage tão violentamente. Não é verdade que a idéia que ele tem de alguma coisa é destruída por uma observação ou pela ação de outrem? Se ele compreender isto, procurará ultrapassar seus desejos e deixar as coisas acontecerem sem querer tomar parte.

O buscador que trabalha deste modo sobre si mesmo ainda comete muitos erros por muito tempo, porque não compreende bem a voz da alma. Entretanto, é melhor que ele cometa erros, e assim adquira experiência, do que se contente em olhar os outros que estão se queimando, criticando-os. É preciso coragem para reconhecer os próprios defeitos – que geralmente são tidos como grandes qualidades – e para desfazer-se deles. As características do eu restringem a liberdade da alma. Elas são criadoras de carma e acarretam dor e sofrimen-

to, o que mostra ao eu as suas limitações. Será que o buscador reconhecerá e renunciará a isso, ou irá se rodear com novos muros para se proteger?

Quando descobre e aceita a autoridade de sua verdadeira alma, ele admite seus defeitos. Então, não tem mais necessidade de provar a si mesmo seja o que for, e já não reprova esta ou aquela pessoa por aquilo «que ela lhe fez»! Seus sofrimentos interiores o levam ao arrependimento, à purificação. Ele vê seus defeitos, suas experiências lhe proporcionam o autocohecimento e despertam o desejo de viver segundo as leis da vida original.



DUAS TENDÊNCIAS QUE SE JUSTIFICAM

Na Escola de Pitágoras, surgiu um conflito entre os livre pensadores e aqueles que seguiam as regras estabelecidas. Os primeiros se achavam superiores aos segundos. Em todo processo revolucionário nascem assim duas tendências: uns querem o novo e tentam ultrapassar os limites estabelecidos; e outros querem conservar o que já possuem, o que compreendem. Ambas as tendências se justificam, pois fazem parte do processo que todos aqueles que aspiram pela verdade devem vivenciar.



Mas como o eu é limitado, elas se opõem uma à outra, sufocando a voz da alma!

A alma renascida submete-se voluntariamente à lei interior da vida espiritual. Ela tem um poder de discernimento e comunica seus impulsos à personalidade. Se esta os escuta, acaba agindo sem prejudicar a nova alma e o próximo. A autoridade exterior cede lugar à autoridade da alma que aspira ao espírito, o qual a ilumina por sua vez. Então, a alma renascida desenvolve um poder de renovação permanente que irradia no mundo e provoca nas outras almas o desejo de imitá-la. Não se pode impor tal autoridade, cada um deve adquiri-la arduamente. Depois disso, o indivíduo será sua própria autoridade, alicerçada sobre a nova alma – e ninguém poderá despojá-lo dela.

O ser que conquista essa autoridade interior não desejará nada mais além do que obedecer a ela – e já não poderá fazer de outra forma. A personalidade assim transformada propagará o que o Espírito transmite à sua alma, a serviço do mundo e da humanidade.

Encontro de dois homens que acreditam, cada um, que a posição do outro é mais alta (Paul Klee, 1903).

O PODER MÁGICO DO DINHEIRO

O dinheiro evoca sentimentos de poder, importância, segurança e liberdade. Ele amplia o horizonte e abre novas perspectivas. Mas também pode comprometer e aniquilar os avanços mais promissores. O dinheiro possui uma força mágica que subjuga a inumerável multidão daqueles que adoram esse deus sem alma e lhe devotam a vida.

Dizem freqüentemente que tudo gira em torno do dinheiro. No mundo econômico atual isso é um fato. De onde provém esse poder? Como o dinheiro tornou-se tão poderoso a ponto de reger a sociedade? Pois, apesar de tudo, ele não passa de um simples meio de pagamento.

Nas economias que abandonaram o sistema de troca, o dinheiro serve para determinar o valor de um produto. Ele constitui um meio. Em compensação, sua força e poder dependem do próprio produto. O material do qual é feito não tem grande importância no mercado monetário. Desde que o padrão-ouro foi abandonado, a maior parte dos países fabrica seu meio de pagamento na matéria mais barata que houver. Não é verdade que ele não passa de um símbolo do valor que ele representa na balança comercial? Algumas moedas nem sequer são tangíveis. Elas se reduzem a cifras nas telas informáticas.

O valor de uma cédula, ou de uma moeda, é exclusivamente um acordo que, em tempo de guerra ou inflação, torna-se caduco. Então, o papel moeda pode perder todo valor e só as velhas moedas de metal ainda serão ne-

gociáveis, reanimando o comércio cambial. O valor monetário reside no poder econômico de um país ou de um conjunto de países e nos acordos feitos entre eles. É a confiança no potencial de uma economia que determina o valor de uma moeda. O sistema do mercado mundial e os progressos da informática deram ao dinheiro um poder inteiramente independente e, em muitos casos, completamente desligado dos processos de produção e das horas de trabalho. Ele tornou-se imaterial ou mesmo virtual e foi reduzido à linguagem binária dos computadores: 0 e 1.

UM PODER SEM ALMA GOVERNA A HUMANIDADE

Nas sociedades ocidentais, o homem é considerado como um fator econômico. Ele chega a representar um valor monetário, calculado a partir do custo de sua formação, de seu orçamento familiar, de sua capacidade bancária. Sob esse ângulo, o dinheiro é uma realidade e uma expressão da vida material num mundo material. Ele representa um limite real, tanto para aqueles que o possuem como para aqueles que precisam ir atrás dele para ganhar seu pão de cada dia.

Diante disso, ele é, no mínimo, irreal, pois remete a um potencial sem valor próprio, que só tem significado em relação a sua circulação nacional e internacional, assim como ao valor artificial que lhe é atribuído. Quer dizer que são os pensamentos, emoções e as ações que dão ou tiram o valor do dinheiro. Para um pobre, dez reais têm o mesmo valor do que cem mil re-



ais para um rico. A Bolsa mostra bem que as altas e baixas dependem da conjuntura política e das reações emocionais dos investidores.

Somos forçados a constatar que o valor do dinheiro corresponde à consciência de seus usuários, com a qualidade da substância astral que envolve e penetra a matéria. O dinheiro não possui alma. Ou, melhor dizendo: ele é um poder sem alma que determina a sorte de humanidade. Já vimos grandes especulações da Bolsa prejudicarem gravemente sistemas econômicos. Indivíduos ou grupos com o capi-

tal nas mãos podem, de um só golpe, comprar, paralisar ou riscar indústrias do mapa. O dinheiro governa o mundo e o mundo faz circular o dinheiro. O mundo dotado de alma criou um ser sem alma: o dinheiro. E agora este ser sem alma dirige o mundo.

DESEJO DE PODER

Portanto, é o valor relativo do momento que dá poder ao dinheiro. O desejo de poder material (assim como

Ligado à terra, E. de Morgan, 1897 (The Morgan Foundation / Bridgeman Art Library, Londres).

a fé de todos aqueles que escolheram o plano material como finalidade da vida) faz com que o valor do dinheiro aumente ou precipita no abismo uma estrutura econômica. O próprio homem cria um poder por meio do qual espera atingir sua meta. Ele vai promovendo este meio até fazer dele um deus, diante do qual se ajoelha e o venera. Alguns fazem isto por simples necessidade vital; outros, porque esperam satisfazer seus desejos e sonhos. Quanto mais forte é o dinheiro, tanto mais o homem se deixa conduzir por essa força, e tem menos remorsos por causa disso. Ele estabelece uma relação com seu deus, o adora ou o mal-diz. Mas, nos dois casos, ele está vendendo sua alma para o dinheiro.

Real ou fictício, esse meio de pagamento é uma grande força cega a serviço da aspiração terrestre por felicidade, poder e riqueza. Muitos são aqueles que se entregaram a essa força trocando seus ideais nobres pelos

objetivos terrestres mais fáceis de serem alcançados. Como milhões de pessoas no mundo inteiro pensam e agem exclusivamente em relação ao dinheiro, ele virou uma força astral universal que influencia e arrasta toda a humanidade. Na verdade, são poucos os que, arrastados a esse circuito, conseguem libertar-se por si mesmos.

INTENÇÕES EMBRULHADAS EM BELAS PALAVRAS

A matéria revela nossas cobiças e seus limites. O mesmo se passa no terreno do dinheiro. Como ele tem condições de satisfazer muitos dos nossos desejos, também revela nosso psiquismo – pois, graças a ele, podemos realizar nobres propósitos, assim como nossas vontades degradantes e perversas. Ele permite a expressão do espírito de sacrifício, da generosidade, a li-



*O mundo degenera
em uma vasta
empresa da morte.*
(Albert P. Hahn,
1877-1918).

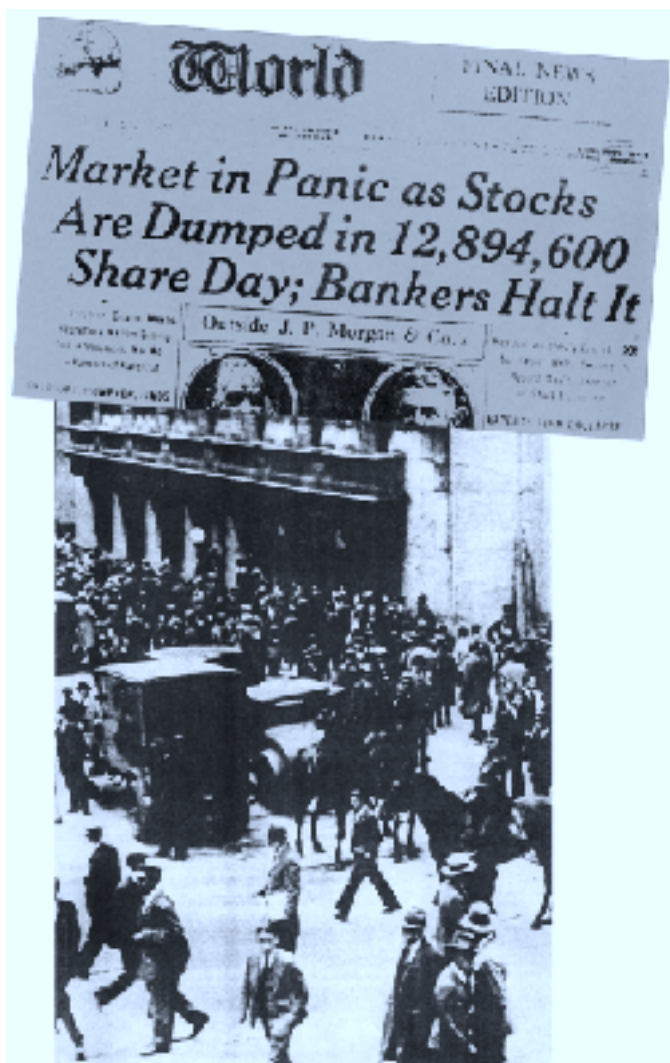
gação a um ideal elevado. Muitas vezes ele também inspira pessoas hábeis na arte de nos estorquir, que disfarçam suas intenções com belas palavras, e que embolsam nossos talentos para fazer deles uso exatamente contrário ao elevado objetivo apresentado. Por exemplo: as somas doadas para combater a fome são investidas em armas.

A capacidade financeira é um padrão de medida do eu. O sistema capitalista é ajustado às exigências, direitos e deveres do indivíduo – portanto, do eu. O dinheiro parece ser sempre, direta ou indiretamente, o que está em jogo na luta entre interesses pessoais, vontade de poder, riqueza e respeitabilidade. Mas, aquele que quer açambarcar tudo sem conhecer perfeitamente as regras do jogo, acaba muitas vezes de mãos vazias.

A SOMA DE TODAS AS ILUSÕES

Outra analogia entre o dinheiro e o eu: os dois não têm substância. O eu é o foco dos desejos que dependem das forças e das características do subconsciente. O mesmo acontece com o dinheiro. Seu poder resulta do jogo de certas forças. Os países que não desempenham nenhum papel na cena internacional não têm nenhum peso econômico. Na época do comunismo, as moedas dos países do bloco Leste não tinham valor no Oeste. No câmbio, seus valores não eram estáveis; e nenhum banco do Oeste trabalhava com moedas do Leste europeu. Após a queda do muro de Berlim, em 1989, os câmbios foram aceitos e progressivamente o mercado monetário abriu-se para o Leste.

É o dinheiro que determina as relações entre os homens. Ele cria as bases temporárias do jogo dos câmbios entre indivíduos, povos e nações. Se tentarmos somar todas as ações suscitadas pelo instinto de conservação e de



fesa no mundo, descobriremos que elas acabam se anulando mutuamente. A soma é zero, assim como a soma de todos os recursos financeiros do mundo inteiro, cujo montante é astronômico, mas que de fato, nada representa – pois não passa da soma de todas as ilusões do homem terrestre em seu apego à sua pobre e pequena vida. E é esta fria constatação que nos dá a capacidade de irmos fugindo, aos poucos, da prisão do dinheiro.

«Sexta-feira Negra»,
Wall Street, 24 de
outubro de 1929,
New York.

JACOB BOEHME E O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO INTERIOR

«Ainda ouvireis sobre coisas maravilhosas, pois chegou o tempo do qual uma visão me falou, ou seja, a reforma. Entrego o fim dos tempos a Deus, pois este fim não conhece ainda.»

Cada um de nós é confrontado com o bem e com o mal, com a verdade e com a mentira, com a luz e com as trevas, que estão indissociavelmente emaranhados. O que é o Bem Absoluto? O que é a Verdade? O que estamos buscando? O que interrogamos e o que desejamos da Verdade Absoluta? Todas estas indagações são lógicas, no entanto, nem todo mundo faz. Por quê? É que, a partir dos aspectos contrários, como o bem e o mal, a luz e as trevas, a vida e a morte, foram concebidas doutrinas especulativas e sistemas que tornam esses aspectos aceitáveis. Muitos se harmonizam e se identificam com isso e encontram aí um ponto de apoio para se realizarem, se sentirem em segurança e alcançarem uma certa paz de espírito.

Muitas teorias foram surgindo na história da humanidade. Por exemplo: o confucionismo, que continua determinando o pensamento na China; a imagem do mundo dada por Aristóteles; a mitologia grega e romana; o cristianismo; e muitos outros sistemas religiosos e esotéricos, políticos ou ideológicos. O ocidental, muito fortemente individualizado, é regido por tais doutrinas especulativas.

Esses sistemas constituem campos de vida que têm suas próprias leis e

limites. Mas, se a esfera social, cultural, moral e política assim determinada perde seus limites, então o sistema atravessa uma aguda crise de identidade.

Entretanto, ao mesmo tempo, os limites em questão restringem a liberdade de movimento. Ao enquadrar a vida, bitolam seu desenvolvimento. É um paradoxo: o desenvolvimento limita-se a si mesmo. Por um lado, um espaço vital oferece segurança e possibilidade de desenvolvimento; por outro lado, ele aprisiona, chegando ao extremo nos sistemas totalitários. Em consequência disso, no interior de cada sistema, algumas correntes definem os limites enquanto outras tentam repeli-lo. Enquanto as duas correntes se mantêm em equilíbrio, o sistema funciona como um organismo vivo.

ROMPIMENTO DA FORMA EXTERIOR

Qualquer um que se sinta em segurança no interior do sistema ao qual pertence, não procurará uma verdade superior e nem mesmo a única Verdade. «Nosso» sistema nos faz viver, nos mantém e nós o mantemos. Essa troca de energia nos dá pouca ou nenhuma oportunidade para nos indagarmos a respeito do valor real do sistema em questão. É que ele constitui uma parte de nossa identidade! Não procuramos jamais saber quem somos verdadeiramente. E, quando isso acontece, a questão é ignorada pelos chefes do sistema e geralmente taxada de insensata, inaceitável.



A pessoa que tenta penetrar no conhecimento profundo do qual Boehme dá provas a cada penada fará bem em renunciar a toda e qualquer abordagem teórica e sistemática. Se desejar ler os textos de Boehme, precisará encarar uma terminologia, uma linguagem, um conjunto de símbolos e conceitos complexos, quase inacessíveis. Para compreender Boehme, é preciso romper a forma exterior. Contentar-se em ler não é o suficiente. A penetração – a compreensão profunda de seu pensamento – é ab-

solutamente necessária. É preciso ter uma certa afinidade psíquica com ele para entrever um pouco o tesouro inesgotável dos valores e profundidades espirituais que ele exprime. Uma consciência inteiramente voltada para a vida material não conseguirá fazer isso.

Após a primeira tentativa para compreender Boehme, decide-se:

- ou «deixar tudo para lá»;
- ou apreender intelectualmente os mistérios da doutrina do «Filósofo teutônico»;

*A luta da consciência
contra o sub-
consciente, Albert
Dürer.*



- ou dedicar-se a uma busca pessoal para descobrir porque Boehme é tão difícil.

“COMO UMA VACA OLHA A NOVA PORTA DE SEU ESTÁBULO”

Boehme nos obriga a uma busca pessoal, ao autoconhecimento, ao retorno a nós mesmos. É com essa intenção que ele indica em uma de suas cartas quais devem ser as bases do verdadeiro autoconhecimento: «...pois o livro que contém todos os segredos é o próprio homem. O grande segredo está nele, mas a revelação só acontece pelo Espírito Santo. A razão não deve permanecer no mundo exterior, pois nele não encontrará nada que já não conheça: não perceberá que existe uma força e um poder oculto, impenetrável e insondável que criou todas as coisas. A razão permanece lá e, como um pássaro voa no ar, ela vai e vem na criatura, e a observa como uma vaca olha para a nova porta de seu estábulo: ela nunca vê o que ela própria realmente é, e raramente vai tão longe a ponto de reconhecer que o homem é uma imagem de todos os seres. Ela não quer conhecer seu

Criador. Se acontecer que alguém venha a conhecê-LO, ela o qualifica de louco, proíbe-o de ter essas idéias sublimes sobre Deus, julga-o pecador e caçoa dele».

Suas visões espirituais têm como objetivo:

- a natureza que se transmuta em homem;
- o homem, fenômeno individual, que se transmuta em Espírito, imagem do divino, fonte universal;
- Imagem do divino que se transmuta no Deus em si mesmo.

Assim, ele considera tudo sob a forma de um processo dinâmico e de uma manifestação divina. Boheme se interessa pela vida real do homem. Ele lhe pergunta se está realmente pronto, se aspira ao conhecimento que penetra mais profundamente e mais longe que as coisas exteriores. E, se for o caso, ele diz: «Se desejas participar do conhecimento, penetrar nele verdadeiramente, - e vós o podeis - renunciái ao que sois, ao que possuis ...» (Da vida supra-sensorial). Uma tarefa simples, não é mesmo?

“VI O HOMEM, UMA PEQUENA CENTELHA ...”

O que se passou com Boehme antes de poder dizer isso? «Em nossa depravação, não temos nenhuma compreensão profunda do que se manifesta em nós; este mundo, com seu começo e fim só nos dá uma visão limitada. Gostaria de penetrar mais profundamente em minha vida opressiva para apaziguar meu corpo doente. Investiguei o mundo inteiro e nada descobri; tudo nele está doente, paralisado, ferido, cego, surdo e mudo. Li muitos escritos de grandes mestres, na esperança de aí descobrir a origem e a profundidade das coisas. Mas neles nada encontrei a não ser um espírito semi-morto, que se consa-

grava ansiosamente à sua cura e em vista de sua grande fraqueza, não consegui chegar a nenhuma força perfeita [...] Acabei afundando numa profunda tristeza e melancolia, até o momento em que vi a grande profundidade deste mundo, o sol e as estrelas, as nuvens e também a chuva e a neve, e, contemplei, em espírito, a criação inteira deste mundo. Lá encontrei em todas as coisas, o bem e o mal, o amor e a ira, nas criaturas privadas de razão, nos bosques, nas pedras, na terra e nos elementos, assim como nos homens e nos animais. Vi sobretudo o homem, uma pequena centelha, e como ele devia ser respeitado por Deus, comparado à grande obra do céu e da terra. Quando descobri também que em todas as coisas existia o bem e o mal, tanto nos elementos como nas criaturas, e que, no mundo, o ateu estava tão bem quanto o crente, e que os povos bárbaros ocupavam as melhores regiões e eram freqüentemente mais felizes que os homens piedosos, fiquei tomado de amargura e aflição e nenhum dos escritos que eram, entretanto, bem conhecidos por mim, puderam consolar-me [...] Enquanto que, nessa desolação, meu espírito, que não compreendia nada ou quase nada, se lançava gravemente para Deus, numa grande tempestade, e meu coração e minha alma, com os outros desejos e pensamentos, abandonavam-se a isso inteiramente, sem cessar, no entanto, de combater com o amor e a misericórdia de Deus, até que Ele me abençoou, isto é, até que Ele iluminou-me com o Espírito Santo para que eu pudesse compreender sua vontade e perder minha tristeza; então surgiu o Espírito [...] Eu, entretanto, não posso descrever e nem exprimir que triunfo esse Espírito manifestou. Isso não é comparável a nada a não ser ao renascimento da vida em meio à morte, à ressurreição dos mortos.» (Uren met Boehme, den Hartog)



A experiência do amor e ódio, do bem e mal, da simpatia e da antipatia estreitamente mesclados pode ser verdadeiramente pungente e retirar todo o sentido racional da vida. Ela mostra claramente que nada no universo É verdadeiramente. O amor, a bondade, a vida e a morte como os experimentamos são unicamente subjetivos. Em outras palavras: eles resultam do julgamento do eu e são submetidos a normas. A identidade pessoal é, pois, também uma ficção, um valor ligado às condições exteriores, portanto muito mutáveis. E a pergunta: «Quem sou na realidade?» fica no ar. O homem dá a si mesmo uma identidade, colocando *piercings*, adotando um certo comportamento, um certo estilo, códigos como aqueles que têm uma função no mundo animal, e até mesmo um papel importante. O eu é o «*homo ludens*», o homem que brinca, que na realidade nada é.

Mas o fato de poder sair do enquadramento determinado de sua identidade também pode dar alguma liberdade para a busca. Jacob Boehme deu esse passo. Ele lutou para descobrir seu verdadeiro nome, sua identidade primeira ... «até que Ele iluminou-me com seu Espírito Santo, para que eu pudesse compreender Sua vontade e

Morada de Jacob Boehme em Görlitz, Alemanha.

«Vós, que aos domingos encheis as igrejas com vossos corpos de carne, mas cuja alma está carregada de mentiras; vós que venerais o Livro dos Livros, a Sagrada Escritura, esqueceste, há séculos, de viver de acordo com as palavras de Cristo».

(Rev. De Ligt, sermão de 1915).

perder minha tristeza ... (Uren met Boehme, Den Hartog)»

Estudar Boehme é em si contraditório. É como querer descrever um tremor de terra enquanto se está confortavelmente instalado em um escritório saboreando uma xícara de chá, ou explicar em que consiste o perfume do jasmim. É grande a tentação de acusar esta obra de ser do «rei dos obscuros», por escapar a toda e qualquer tentativa de aproximação. Com grande violência, ele ataca a «letra morta», a igreja das paredes de pedra, o edifício exterior, a imagem trunca da realidade, a paz de espírito que dá credibilidade às autoridades, a pretensão da erudição, o cristianismo burguês que tem título e casa própria: «Olhai a vós mesmos, pagãos cegos, falsificadores e interpeladores, abri bem os olhos, não tenhais vergonha da simplicidade. Pois Deus, que se oculta no centro, é ainda muito mais simples. Mas, vós não o vedes!» (Aurora)

Boehme captou a essência viva da vida humana, do próprio homem. Ele luta com: «o homem-deus e não o deixa seguir adiante enquanto ele não o abençoa» (referindo-se a Gen. 32, 26). Ele procura a ligação entre a «imagem», o lado exterior material, e o aspecto interior, «o que não tem imagem», o inimaginável, o Espírito. Quem mergulha em sua obra, é leva-

do a uma luta revolucionária: sente que é arrastado numa correnteza e aspirado para o abismo de um caos extremamente tenebroso. Ele «lê» um livro no qual todas as idéias e alegorias têm um significado diferente daqueles conhecidos, pois está lendo um livro vivo.

PARODIÁ-LO OU MESMO CITÁ-LO JÁ NÃO É POSSÍVEL

Aquele que diz que compreende Boehme está zombando do mundo. Está mentindo! Afinal, Boehme obriga o leitor a uma exploração radical de si mesmo. Ele vira de ponta-cabeça todos os alicerces dos conhecimentos estabelecidos provando sua exatidão. Parodiá-lo ou mesmo citá-lo já não é possível. Cada citação dele exige que se adquira o espírito que o faz falar e escrever. Por isso, Boehme e o não-comprometimento são duas coisas absolutamente contrárias. Sua obra é dinamite espiritual e a explosão que provoca ondas de choque





que penetram as gerações, as culturas e todos aqueles que «se encontram» com Boehme. Aqueles que acreditam que essa explosão antiga, de quatro séculos, não vibra mais, está definitivamente apagada, permanece inoperante nos velhos alfarrábios amarelados, (que talvez ainda tenham algum valor para historiadores ou antiquários), estão cometendo um erro radical!

Mas, se refletirmos na coerência e sucessão dos impulsos espirituais no decorrer dos tempos no Ocidente e no fato de que isto não aconteceu por acaso, podemos considerar que a intervenção de Jacob Boehme não representa somente um ápice, um salto no processo de desenvolvimento espiritual da Europa, mas também um cadinho ardente, onde todas as correntes espirituais e sistemas filosóficos precedentes - gnosticismo, cristianismo, hermetismo - se fundem em uma síntese, que os renova para o homem ocidental. Não se pode dizer que Boehme é somente um grande místico. Sua influência sobre o pensamento e a sociedade ocidentais é fundamental, radical.

O conceito «misticismo» evoca um certo fechar-se: fechar os sentidos

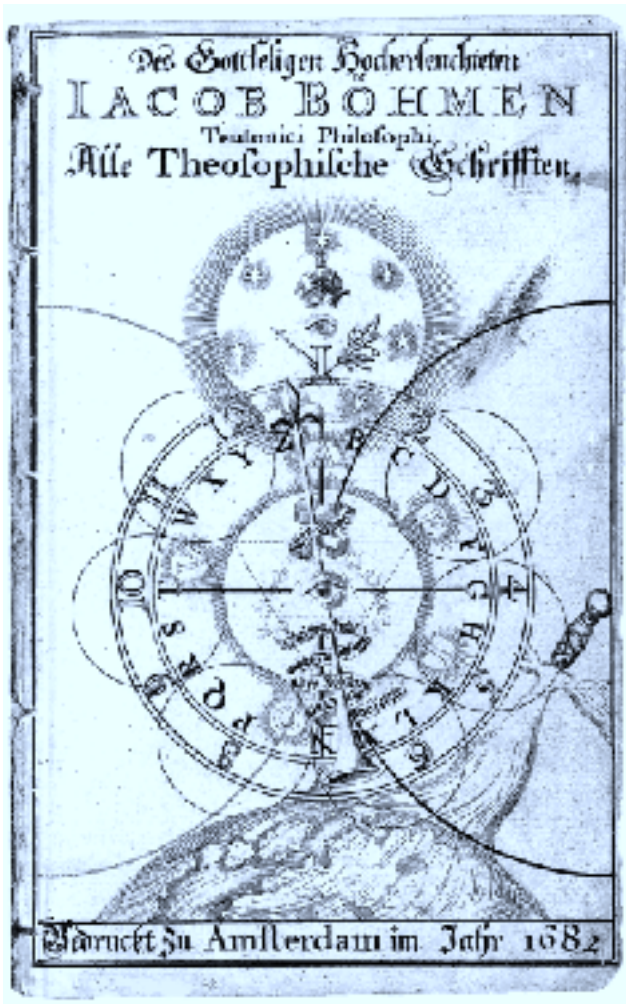
para o mundo exterior, recusar-se a se deixar guiar por eles. O verdadeiro misticismo restabelece a ligação com o mundo interior indivisível, ligação que faz perder o desejo de se deixar fascinar pelas imagens exteriores que engendram os contrastes e a diversidade. «*Se vos desligardes de tudo o que é criado e não fordes mais nada com relação a toda natureza e criatura, então sereis no Uno Eterno, que é o Deus em si, e descobrireis a suprema virtude do Amor*» (*Da vida supra-sensorial*).

Boehme mostra sua grandeza espiritual quando lança uma ponte entre o fundamento interior do Todo, o «sem fundo», o *En Soph*, e o universo exterior, o universo sensorial. A esse respeito, ele não somente é um místico, mas também o «filósofo teutônico». E é sobretudo isso nele que falou aos grandes pensadores.

BOEHME MOBILIZA O QUE HÁ DE MAIS ÍNTIMO NAS PROFUNDEZAS DO SER

Em seu pequeno livro *Da vida supra sensorial*, Boehme expõe as condições e disposições necessárias para

«*Obra de filosofia e de teosofia mágicas e cabalísticas*», Jacob Boehme, por volta de 1730.



Boehme não é um puro místico, ele nos interpela. Ele explica o que é a aparência e a religião ao fundo interior. Ele distingue e esclarece o lugar onde essa ligação é rompida. A esse respeito, fala do fogo luciferiano que queima na ilusão; da cegueira e do orgulho daqueles que se mantêm puramente numa vida voltada para o exterior. Essa vida só tem o poder e o dever de se multiplicar, expandir, transformar, crescer e explodir com furor e paixão. Mas, durante todo esse tempo ela continua submissa ao fogo consumidor que Boehme denomina «o fogo da ira divina» ou «primeiro princípio». Se isto nos parece abstrato demais, só nos resta voltarmos para tudo o que se passa diariamente no mundo para ver claramente o que ele entende por isso.

UM PARASITA NO INTERIOR DE UM ORGANISMO SUBLIME

A esta vida luciferiana falta coerência, integridade. Ela é um parasita no interior de um organismo cujo funcionamento é perceptível, mas mal compreendido. Muitos suspeitam, interiormente, que existe um organismo sublime, mas não o conhecem. A vida luciferiana perverteu tudo com a proliferação do mal e com o ardor do fogo. Ela não tem nem vontade, nem poder para fazê-lo de outra forma! Esta mesma força prolifera também no homem impedindo-o de adquirir o conhecimento da Luz unificadora de Cristo e de entrar em ligação com ela. Para Boehme, esta Luz é o segundo princípio. Ela também está presente no homem, mas em estado latente. As sugestões e representações do fogo luciferiano cegam e instigam a vontade a determinar por ela mesma o que é justo ou não, o que é verdade ou não. Esse fogo a impulsiona a investigar o mistério da vida e a submeter a natureza ao seu império.

estabelecer a ligação entre o interior e o exterior. Suas palavras não são a expressão de uma fé vaga, sentimental, submetida à autoridade de um poder superior. Ele mobiliza o que há de mais íntimo, pessoal e profundo no ser, lá onde não reina separação nem divisão.

«Quando os sentidos e a vontade de vossa personalidade se calam, manifesta-se em vós uma audição, uma visão e uma linguagem eternas, e vós ouvis e vedes Deus. Quando silenciais, sois o que Deus era anteriormente à natureza e à criatura, e de onde ele vos criou como criatura natural; então ouvis e vedes do mesmo modo como Deus vê e ouve em vós bem antes que vossa própria vontade começa a ver e ouvir».

Página de
rostro do livro
«Escritos teosóficos
do piedoso e altamente
iluminado
Jacob Boehme, o
Filósofo Teutônico»,
Amsterdam, 1682.

«ó Adão, se não tivésseis cavalgado a besta orgulhosa da cobiça! Terias permanecido no paraíso. De que te adiantou ir viajar num país estrangeiro menosprezando a Deus: não teria sido melhor permaneceres em Deus? O fogo luciferiano ofende forçosamente a Luz misericordiosa, na qual o homem que se sabe perdido, em sua resignação, confia.» (Quarenta perguntas da alma)

«O DEMÔNIO É O PAI DA MENTIRA»

Por esse fato, o ser humano fica ligado ao nascimento exterior, onde, separado da cruz de luz de Cristo, ele queima no fogo do primeiro princípio, o mundo da ira, o reino das trevas, a roda incandescente da resistência, do amargor, frieza, amargura e medo, onde os contrários lutam eternamente uns contra os outros e estão ligados pelo medo. Boehme designa assim os quatro elementos do fogo: o orgulho, a avareza, a inveja e a ira, dos quais os homens egocêntricos estão infectados até a medula. Ser orgulhoso significa querer tudo romper, tudo dominar, tudo consumir e ficar só. A mentira é sua única verdade. A vontade pessoal nega a verdade e age assim contra si mesma, destruindo a si mesma. É por isto que Cristo diz que Satã é o pai da mentira. Sua natureza é dizer «não»! Pura e simplesmente contradizer a Verdade.

É importante compreender que Boehme, na sua cosmologia, considera um desenvolvimento puramente espiritual, uma criação que se manifesta a partir do «nada» eterno, o «sem fundo», e prossegue num processo de evolução eterna. O intelecto não pode conceber esse processo porque é prisioneiro da dualidade: ele só pode pensar em termos contrários e, por essa razão, os conceitos que ele concebe pertencem ao mundo exterior. O intelecto não está

ligado à fonte de toda vida. Portanto, não é hermético, pois falta-lhe a Gnosis. O pensamento de Boehme é hermético, não como o de um cientista profundamente culto, mas como o de uma alma que recebeu a graça de Deus.

«Deus, com efeito, fora da natureza e da criatura, não tem nome, mas chama-se somente o Eterno Bem como o Uno Eterno, o «Sem Fundo» e o Fundamento de todo ser. Ele não se encontra em parte alguma. É por isso que Ele não nomeia nenhuma criatura, pois todos os nomes existem na linguagem formada pelas forças (terrestres). Deus, entretanto, é Ele mesmo a raiz de todas as forças, sem começo e sem nome. Por isso Ele disse a Jacob: «Por que perguntas meu nome?» e «Ele o abençoou» [...] Seria bom que não fôssemos conduzidos pelos mestres da letra na forma exterior, quando aprendemos e falamos do Deus único, como isso foi feito até o presente. Somos arrastados para uma falsa pista com imagens (afirmações, fórmulas, idéias e convicções) como se o Deus único desejasse isso ou aquilo, enquanto que Ele é por si próprio a única Vontade no que concerne à criatura e à natureza e que a criação inteira procede, pura e unicamente do Sopro de Sua Palavra. É preciso compreender que a possibilidade de se separar de sua única Vontade encontra-se na manifestação e no conjunto da natureza.

«[...] É deplorável que nos tornemos tão cegos e que aprisionemos a verdade em imagens. Pois, quando a claridade da força divina se manifesta e age no mais profundo da alma, de tal sorte que se deseje largar o caminho sem Deus e se abandonar à Ele, então, a Tri-unidade divina penetra inteiramente na vida e na vontade da alma. O céu está lá, onde Deus se abre para a alma e nela permanece. A alma é o lugar onde o Pai gera seu Filho e onde o Espírito Santo emana do Pai e do Filho, pois Deus



não necessita de lugar mensurável.»
(*Mistério Magnum*)

O mistério do renascimento é fundamental no pensamento de Boehme. Sem renascimento, o pensamento e a ação são impotentes. O pensamento se agita e só forma imagens-clichês. Nenhum processo mental ultrapassa a barreira do espírito humano. Os argumentos das filosofias ou as palavras dos sábios antigos só oferecem uma fraca consolação e dão um verniz à nossa existência extremamente triste e sombria. O que o ser humano espera?

«Nós perdemos a Luz do coração de Deus; com efeito, devido à queda de Adão, nós passamos da Luz eterna para a luz deste mundo e a alma nada tem a esperar a não ser o desaparecimento da luz deste mundo se ela não retornar para a Luz divina. Porque, como nós, os homens, com os olhos deste mundo, não podemos ver a Deus, que entretanto está sempre ao

nosso lado e em volta de nós, devemos antes adquirir outros olhos, para que possamos sentir e experimentar Deus. Então, nós o contemplaremos.»

A DIVISÃO É O FOGO QUE CONSUME
O HOMEM E O MUNDO

O universo visível é um único e imenso sistema onde tudo que se manifesta é transitório e submetido a mudança. É difícil aceitar que, aí, a morte é vida e as trevas, luz. Na Terra, essas noções não são constantes, os contrários se sucedem. Por isso Boehme fala de «a casa da morte». Nada pode evoluir para uma vida verdadeira, ela é abafada: ou no nascimento, ou no decorrer de seu desenvolvimento ou na maturidade. Diz Boehme: «*O homem não pode esperar nada além do desaparecimento sistemático da luz que ele conhece. E ele só conhece a escuridão, onde todo impulso da Luz é tragado pelo fogo luciferiano.*»

Estas palavras vão atingir quem? Quem pensa que o universo visível é somente «a imagem exterior» da vida oculta, imutável? O homem voltado para o exterior nada possui para descobrir a vida oculta. O estudo, a devoção, a magia, etc., só fazem com que volte ao lugar de seu nascimento exterior. Não o modificam, pois o fogo luciferiano arde por toda parte na existência exterior cheia de divisão. A divisão é o fogo flamejante que consome o mundo e a humanidade.

Como escapar desse fogo? Boehme fala então da «*Pérola preciosa*» pura e

Lápide do túmulo de Jacob Boehme em Görlitz: Nascido de Deus, morto em Jesus, selado pelo Espírito Santo, aqui repousa Jacob Boehme, 1624, «Agora eu vou ao paraíso».

imaculada que os homens possuem em si mesmos. «*Lúcifer se enfurece contra as «criancinhas»: sim, ele faz de tudo para macular a Pérola. A alma pura, imaculada, é o homem onde brilha o Conhecimento, e que, pelo caminho do Conhecimento, escapa das atrocidades da casa da morte. Com freqüência, este homem deverá sentir os ataques, mas se ele perseverar no reto caminho do Conhecimento, a preciosa pequena Pérola lhe será ofertada.*»

ninguém conhece, senão aquele que o recebe».

Em seu livro *Dos três Princípios*, Jacob Boehme mostra que sua compreensão é o resultado de um incessante combate pela Verdade: «*Que a aurora divina se eleve em mim. Sobre mim se derrama a justiça de Deus. Mas a alma dos verdadeiros combatentes fala à justiça divina, dizendo-lhe: Eu não te deixarei ir embora de modo algum antes de me abençoares.*».

DE QUE MANEIRA O HOMEM RENASCE?

Ele deve nascer novamente desse princípio de Luz. Renascer da «água e do Espírito». «*Por essa razão, pensa nisso, filhos, e entrai pela boa porta! Não se trata somente de perdão, mas de renascimento. Então vós também sois perdoados: ou, em outras palavras, o pecado é como uma concha; em seu crescimento o novo homem sai de sua concha e a deixa para trás.*» (Da encarnação de Jesus Cristo).

O que atormenta aquele que se mantém fora da Luz é o maná oculto daquele que está na Luz. O homem renasce saindo do antigo «salniter» (o mundo dos quatro elementos materiais) e ativando o novo «salniter» (a manifestação da substância primordial). No capítulo 2, versículo 17 do Apocalipse, é dito: «*Ao que vencer darei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual*

O SELO DOS PROFETAS

«Levantemos a âncora com ele e empreendamos juntos a viagem para o País da Luz»

Quando se fala sobre maniqueísmo este assunto raramente evoca uma imagem clara do homem extraordinário que viveu sete séculos depois de Buda e dois séculos depois do Cristo. Mani, o mensageiro da Luz, é conhecido como o Selo dos Profetas, ou o Guardião do Selo dos Profetas, ou o Paracleto da Verdade.

Mani era filósofo, visionário, poeta, pintor, músico e curava os doentes. Pregou um puro ensinamento gnóstico, poderoso e penetrante, cheio de humanidade, de não-violência e de amor, que, pelo menos durante mil anos, exerceu sua influência da África até a China e dos Bálcãs até a Península Arábica.

Mani e seus discípulos foram continuamente perseguidos, seus escritos foram destruídos e seu ensinamento apresentado como símbolo de divagação intelectual e moral, do «pecado contra o Espírito.» Pois não é verdade que um defensor fanático de uma idéia não passa de um «maníaco»?

A opinião sobre Mani e seu ensinamento mudou completamente depois da importante descoberta de manuscritos em Fayum, no Egito, assim como em diversos lugares ao longo da Rota da Seda – e também pelo fato de que, antes da chegada do cristianismo, a Hungria era um estado maniqueu. A imagem sombria e deformada de seus adversários é perfeitamente injusta e parece ter sido inspirada por um ódio profundo contra tudo o que se referisse à pura Luz Divina.

Mani deu testemunho da unidade de todo e qualquer ensinamento gnóstico. Ele mostrou aos cristãos o senti-

do profundo do cristianismo universal, explicou aos eruditos da Pérsia o que a mensagem de Ahoura Mazda continha, esclareceu os budistas a respeito do caminho da iluminação tal como Buda o havia indicado. Ele edificou a Igreja da Luz para transmitir o mistério do homem perfeito – uma mensagem que, durante mais de mil anos, esclareceu muitos milhões de almas. Alguém que mostra, transmite e prega assim a verdade, com certeza provoca a oposição e a inveja daqueles que preferem permanecer nas trevas da ignorância. Os eclesiásticos e políticos que não podiam compreender, ou não queriam, associaram-se para apresentar seus ensinamentos como um «sonho vazio».

UMA NOVA CORRENTE GNÓSTICA: UMA NOVA «LÂMPADA AOS NOSSOS PÉS»

Podemos nos perguntar se não existem ainda outras razões para que as

INFLUÊNCIA NA ARQUITETURA

A cúpula do edifício armênio que constitui a base da igreja de Santa Sophia, em Constantinopla, é um exemplo disso. Foi a partir daí que se desenvolveu a forma da cúpula e dos arcos que a arte cristã primitiva utilizaria, assim como os construtores de catedrais. Da mesma forma, símbolos como o arco-íris, o sol, a flor-de-lis e a rosa, que aparecem frequentemente nos edifícios europeus, são de origem maniqueísta.



mais altas autoridades terrestres e religiosas do tempo se voltassem encarniçadamente contra a doutrina revolucionária de Mani, que era tão profundamente humana, espiritual e universal. Agora que a luta entre a Luz e as trevas se estende sobre o mundo inteiro, a força espiritual do movimento gnóstico mais vasto que já houve mereceria tornar-se uma «nova lâmpada» aos nossos pés.

O nome «*Mani*» significa: aquele que oferece o maná, o pão da vida. Segundo diversos autores, esse termo, assim como o termo «*Manes*», proviria do siríaco «*mana*» (vaso), ou do sânscrito «*mani*» (pérola ou pedra preciosa).

A raiz «*man*» é igualmente a base da palavra «*manas*» (o mental, o pensamento, o espírito); ou de «*Manu*» que, na mitologia indiana quer dizer «o primeiro homem» ou homem original. A palavra «*mani*» encontra-se também no mantra «om mani padme om», que significa: «Salve, ó jóia do lotus». Em siríaco, Mani é também denominado Mani Hayya, Mani o vivente. Esse nome se encontra ainda associado a Orfeu, e, no Evangelho de Tomé, ele é usado para designar Jesus. O significado é: aquele que verdadeiramente vive, o ressuscitado. Um puro fundamento espiritual expressa-se por detrás dessas acepções. Elas se referem à grandeza de espírito necessária para poder trazer à luz a atividade da eterna *Gnosis* e transmitir outro valor interior da vida espiritual para a humanidade, em tão grande parte do mundo «civilizado».

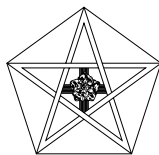
No ensinamento de Mani cada palavra, cada imagem é, em primeiro lugar, um símbolo das numerosas facetas da vida mais elevada da alma. O salmo maniqueu que foi descoberto em Fayum, no Egito, descreve Mani como «O vento do norte» símbolo do «sopro do pensamento». O texto explica que «o sopro do pensamento» indica o caminho para aqueles que buscam: «Um vento do norte que so-

pra sobre nós, tal é Mani. Ergamos a âncora com ele e empreendamos juntos a viagem para o país da Luz».

A PROCURA DA PÉROLA PRECIOSA

Assim, o maniqueu, conduzido pelo sopro do Espírito, pode partir em viagem à procura da pérola preciosa da alma. É assim possível para ele renascer e recuperar o verdadeiro poder do pensar. No ensinamento da Rosacruz Áurea, o poder mental é apresentado como «a ligação que ainda falta em nossos dias entre o microcosmo e a personalidade terrestre».

Para seus discípulos, Mani era, em primeiro lugar e continua sendo, um espírito protetor e purificador, uma encarnação vivente da Força Crística Universal, um enviado da Luz. Eles admiram nele a religião do pensamento verdadeiro (maneísmo) enquanto que sua missão histórica, tão particular, está para eles em segundo lugar.



“Assim o pesquisador decidido vai arrancando máscara sobre máscara. Será que existe mesmo um eu autêntico, um ser verdadeiro? Ou será que o homem não passa de uma ilusão sempre mutante?”

(Falar de Deus é como querer agarrar o vento, p.11)